

ARTIGO



André Costa*

Cooperação na dose certa

Qualquer avaliação depende de comparações. Para avaliar a eficácia de remédios as pesquisas comparam os grupos de tratamento e de controle. Os participantes do grupo de tratamento tomam o remédio, no controle tomam o placebo. Se ao fim da experiência o estado dos que tomaram remédio for significativamente melhor que os do controle, dá-se o remédio por eficaz. Caso contrário, tenta-se ajustar a dosagem ou se declara a ineficácia. Perdoem-me os médicos pela simplificação.

O Amazonas é sui generis quanto à avaliação de sua economia. É baseado numa indústria de transformação incentivada, desde cerca de 1990 alheio aos insumos locais, e tem ao lado o Pará, semelhante em tamanho e disponibilidade de recursos naturais, com modelo de desenvolvimento baseado em extrativismo e agropecuária. O Pará é o nosso

contrafactual, a situação em que estaríamos não fosse a escolha pelo PIM.

Alguns indicadores permitem avaliar a escolha feita para o Amazonas. Em síntese, nosso Estado não está significativamente melhor que o do Pará. Em 2021, nosso PIB per capita a valores correntes foi de R\$ 33 mil. Do Pará, R\$ 32 mil. Nosso IDH, 0,7 e o do Pará, 0,69. O que preocupa não é a semelhança dos indicadores. O problema é a tendência. Enquanto mal recuperamos o nível de produção anterior à crise de 2015, a economia do Pará disparou com o dólar e consequente aumento da renda de suas exportações em reais.

A essência, o princípio ativo da indústria de transformação é a geração de valor. É a isso que os gestores locais precisam se apegar para tornar eficaz a escolha pelo polo incentivado. Na minha tese

de doutorado propus um modelo de geração de valor a nível das empresas fundamentado nos ganhos de acesso a insumos, de volume de produção, de sinergias entre ativos e de flexibilidade gerencial. Aplica-se ao PIM na percepção de que o cumprimento da rentabilidade inicialmente prevista na implementação dos projetos é o mínimo, ainda que difícil. Valor mesmo se obtém por superação de expectativas. Por exemplo, se após aqui instaladas, as empresas percebem que a mão de obra local é melhor que se supunha, ou a fazem ser melhor. Que o processo de atualização dos PPBs se tornou mais ágil. Que as estruturas logísticas surpreenderam em eficiência. E assim por diante.

Forjar esses cenários e prover esses ativos nunca foi ou será fácil em qualquer lugar, mas o sucesso ocorre onde são melhores as iniciativas de coordenação. Bem

explicou o economista britânico Richard Coase (1910-2013) que as empresas existem justamente como instrumento de coordenação para solucionar a dificuldade dos indivíduos em perceber o valor de certos ativos e se apropriar de seus frutos. Em abrangência maior, as próprias empresas replicam essas dificuldades, e tendem a atuar em coordenação para prover os ativos que lhes são comuns.

No momento testemunho um marco na coordenação entre as empresas do Amazonas. Trata-se da intensificação dos trabalhos do Cieam por meio das comissões temáticas, abarcando todas as dimensões relevantes ao ambiente empresarial. Como pesquisador, espero conseguir avaliar os efeitos desse evento como tratamento às empresas e à economia amazônica como um todo. Que todas façam parte do tratamento e tomem na dose certa.

*é professor da Ufam

ARTIGO



Paiva Netto*

Vida em revolução

Faço hoje uma referência ao primeiro livro do biólogo inglês Rupert Sheldrake, publicado em 1981: Uma nova ciência da vida. O autor apresenta a Teoria da Ressonância Mórfica. Nela, propõe a existência de estruturas que se desdobram pelo espaço-tempo dando forma e comportamento a tudo. Desse modo, o átomo, as próprias moléculas, os tecidos, os organismos e mesmo as sociedades, os sistemas planetários e as galáxias estariam atrelados a campos peculiares.

Mudança de paradigma

A revista BOA VONTADE, no 228, na seção “Espírito e Ciência”, publicou trechos inéditos de palestra gravada por Rupert, em sua residência em Londres, para o Fórum Mundial Espírito e Ciência (FMCE), promovido pela Legião da Boa Vontade. Trago-lhes, para reflexão, extratos da palavra do biólogo inglês: “Neste momento está ocorrendo uma mudança de paradigma na Ciência. Ela altera a visão mecanicista, surgida no século 17, que postulava que todo o Universo seria uma máquina, incluindo animais, plantas e nós, seres humanos. Não há Alma ou espírito no mundo natural. (...) A exceção seria a mente humana racional, que se supõe localizada em

que haja uma visão aberta em ambas. (...) Tanto uma quanto outra tentam compreender a natureza última da realidade, e as duas precisam admitir que ainda não chegamos lá. (...) Uma pode reforçar a outra, podem se ajudar mutuamente na descoberta do Cosmos. (...) Em minha opinião, a união desses dois estudos será o fato mais empolgante a ter lugar nas próximas décadas”.

O sétimo elemento

A comprovação de que muito falta para encontrarmos respostas às inquietantes indagações sobre a origem da vida na Terra, bem como fora dela, pode estar na fascinante descoberta de um micro-organismo denominado GFAJ1 — feita por uma equipe da Nasa, no lago Mono, no nordeste da Califórnia (EUA). Esse fato muda por completo o que até então sabíamos sobre a formação de todas as criaturas; isso porque um dos conceitos mais sólidos da ciência afirma que toda forma de vida depende das combinações entre oxigênio, carbono, hidrogênio, nitrogênio, enxofre e fósforo. Testes em laboratório demonstraram que esse micro-organismo não só sobreviveu às doses maciças de arsênio — elemento químico venenoso para a vida na Terra —, como tam-

bém foi gradativamente incorporando-o às suas moléculas. Com isso, abre-se a possibilidade, inclusive, da existência de novas formas de vida dentro e fora do orbe terrestre.

A astrobióloga Felisa Wolfe-Simon, chefe dos pesqui-

sadores, destacou: “Até hoje se pensava que todas as formas de vida precisavam de fósforo e este micróbio substituiu fósforo por arsênio. Isso é profundo. O que mais poderemos encontrar?”.

A ciência investigativa, pautada por princípios éticos, há de nos levar um dia, não tão distante talvez, a deparar com a realidade do Espírito

Consciência Divina

Durante o bate-papo com a equipe da Super Rede Boa Vontade de Comunicação, o também filósofo e Ph.D. em bioquímica revelou que “a maioria das pessoas que acreditam em Deus, eu inclusive, não o faz porque se alistou para seguir um conjunto de dogmas sem sentido, cientificamente falando. (...) Todas as religiões estão baseadas em experiências que vão além da comum, do dia a dia, em uma conexão com a forma superior de consciência. Se a Natureza se faz de toda série de níveis, existe o nível humano, o de Gaia, o do sistema solar, da Via Láctea, em cada um deles pode haver formas de consciência acima das humanas.

“(...) Naturalmente, se a Consciência Divina está por trás de todo o Universo e, automaticamente, é sua fonte criativa, claramente seria bem maior em abrangência do que a nossa própria. Não deveríamos esperar entendê-la pelo raciocínio. (...) “Não vejo conflito entre Ciência e Religião desde

ARTIGO



Flávio Guimarães*

O atendimento, o relacionamento, o networking e o sucesso

As abordagens administrativas definem que as mudanças e contingências devem ser geridas de forma estratégica, tática e operacional, a fim de proporcionar um maior grau de satisfação e sucesso às pessoas, às organizações e aos clientes de um modo geral. Quando falamos em atendimento e relacionamento há uma confusão de conceitos fazendo com que o processo não funcione da forma que deveria. Vários são os problemas, todavia vale destacar aqui a pouca visão global, a falta de um pós-venda real, o desvio das responsabilidades, a falta de empatia, a falta de lógica e razão e a falta de sensibilidade. Todos nos levam para um certo declínio administrativo relacionado ao atendimento, ao relacionamento e ao networking.

O atendimento é o primeiro contato com nossos clientes e assim é fatalmente a primeira impressão que eles criaram para um período de tempo de nossas empresas e nossos profissionais. Já o relacionamento é uma forma mais avançada de atendimento trazendo para os clientes a sensação de preocupação real buscando sempre a resolução

de problemas e a consequência deste trabalho bem feito será um excelente networking. A falta de visão global faz do profissional um escravo do mau atendimento e assim tudo relacionado a prazer é esquecido e podemos passar por momentos de desgastes e insucessos desnecessários.

O pós-venda continua esquecido na grande maioria das empresas e o grau de preocupação aumenta quando vivenciamos esta situação como sendo opção da própria empresa. Desta forma o pós-venda continuará sendo tratado como despesas e não investimentos ou indicações futuras. É necessário repensar, muitas vezes, a visão, missão e valores organizacionais para podermos pôr em prática a melhor forma de administrar. Precisamos assumir a responsabilidade pelos nossos atos profissionais sob pena de transformar clientes parceiros em inimigos. Tornar-se necessário planejarmos cada vez mais de modo estratégico incluindo a prática da empatia em nosso cotidiano independente do nosso ramo de trabalho.

Sempre precisamos nos lembrar que nossos clientes são iní-

cio, meio e serão somente fim se esquecermos dele e realizarmos somente o atendimento. Precisamos criar relacionamentos com nossos clientes. A lógica, o planejamento, enfim, a administração precisa tomar seu espaço e buscar o melhor equilíbrio na solução dos problemas diários. A confiança e o respeito passam a ser matéria-prima indispensável para o início do relacionamento entre pessoas, profissionais e empresas. Muito pode ser feito para buscar um melhor desempenho de nossos funcionários/colaboradores, podemos iniciar com a sensibilização, depois com treinamento e por fim com a capacitação e desenvolvimento.

Nossos clientes atuais estão cada vez mais exigentes e dependendo do estilo, dificilmente nós gestores iremos saber o grau de satisfação a não ser se perguntarmos sempre deles. Normalmente falta o básico para os processos existentes funcionarem de modo satisfatório. Mas, o que mais preocupa, muitas vezes, no interior de uma empresa é o corporativismo exagerado realizado pelos profissionais em benefício próprio onde escondem a verdade

devido o conforto de não serem penalizados pelos superiores, porém, esquecem da necessidade do relacionamento com os clientes criando uma atmosfera inamistosa entre os envolvidos.

Certamente falta uma maior e melhor consciência profissional para podermos atender e se relacionar com nossos clientes e com as pessoas com sucessos em todos os momentos. Quando aguçarmos nossa visão geral dos processos e estruturas, realizarmos um pós-venda planejado e direcionado para a satisfação dos clientes, assumirmos nossas responsabilidades com respeito a todos, utilizarmos a empatia com lógica nas escolhas e buscarmos solucionar os problemas, estaremos no caminho certo para nos conceituarmos como verdadeiros consultores de negócios trazendo a satisfação, a continuidade de compras e as indicações realizadas por nossos clientes, senão, continuaremos sendo meros tiradores de pedidos. A opção é nossa. Podemos ser mais um ou podemos fazer realmente a diferença, todavia, só depende de nós.

Vamos refletir sobre isto?

*é mestre pela UFPA, diretor de Educação da ABRH e coordenador dos cursos Tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas

ARTIGO



Thomaz Meirelles*

Mais um gol contra o Amazonas na COP-28

Não acredito que nenhuma autoridade local, eleita pelo povo, vá deixar mais esse GOL CONTRA o guardião da floresta chegar em Dubai, na COP-28, sem qualquer ponderação. É mais um gol contra o Estado que preservou 97% da floresta intacta para os ambientalistas, Brasil e o mundo (Estados Unidos, Alemanha, Noruega, Reino Unido, China etc) respirarem com qualidade e sem tanta tragédia climática.

O vídeo divulgado pela FAS (Fundação Amazônia Sustentável), a mesma que antes da eleição presidencial já espalhava pelo mundo que a próxima pandemia iria começar pela Amazônia, está no instagram dessa ONG. Analisem as imagens e as combinações com as palavras/textos que acompanham as imagens. Em tempos do COP-28 nada como continuar só mostrando o caos com fins de captar recursos.

Como exemplo, aparecem áreas desmatadas no vídeo (que pode ser legal), pois podemos usar 20% de acordo com código florestal. No

texto, já vinculam a ação humana e à ilegalidade.

No vídeo, não falam dos 60% com fome no Amazonas, não falam dos 97% de florestas intactas, não falam que nenhum centavo de crédito de carbono, REDD+ e concessão florestal caiu no bolso do ribeirinho. São vídeos montados para mostrar o caos e captar recursos internacionais que não chegam em quem preserva, ficam no meio do caminho, como tem mostrado a CPI coordenada pelo senador Plínio Valério.

No vídeo, a ONG não tem coragem de mostrar quais os países que esquentaram o planeta e são os responsáveis pelas imagens de caos do Amazonas que eles mostram nesse vídeo. Querem colocar a culpa no desmatamento, no produtor rural.

Essa ONG iniciou a atividade no Amazonas com R\$ 20 milhões de recurso público, não pode ficar solta e falar o que quiser na COP28. Cadê a Comissão de Meio Ambiente da Aleam? Essa ONG recebeu R\$

20 milhões de um banco privado que tem parceria com o governo estadual.

Essa ONG, segundo a CPI, já recebeu meio bilhão de reais, e ainda está pedindo doação nas redes sociais. Cadê a Aleam?

Essa ONG está recebendo mais R\$ 78 milhões do banco alemão KfW, e ainda está pedindo doação nas redes sociais. Estão recebendo R\$ 78 milhões com aval do Estado, então, o Estado tem que intervir, defender as pessoas que aqui vivem.

Essa ONG está preocupada com a nascente do rio Amazonas no Peru, enquanto o povo de Parintins bebe água contaminada.

Já chega de brincar com o guardião que passa fome no Amazonas. Já chega de brincar com os recursos públicos e privados que aqui chegam e não mudam a realidade. Por fim, observem que a solução sempre é jogada para frente, até parece que este será o primeiro encontro que a Amazônia entrará em debate. Que esta é a primeira COP.

*é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agronegócio — thomaz.meirelles@hotmail.com

*é jornalista, radialista e escritor